

**NOTAS SOBRE OS ARRANJOS  
FAMILIARES  
POR RAÇA NO BRASIL**

**Elza Berquó**

**Pesquisadora do CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e  
Planejamento e Diretora do NEPO - Núcleo de  
Estudos de População/UNICAMP**

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO E RELAÇÕES  
RACIAIS NOS PAÍSES DA DIÁSPORA AFRICANA  
Rio de Janeiro, 6 de abril de 1992**

**CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS  
BIBLIOTECA**

F  
765

F  
765

## 1. Introdução

Marcantes são as alterações que vêm ocorrendo na fecundidade e na nupcialidade da população brasileira nas duas últimas décadas (OLIVEIRA, LOUREIRO, 1986; ALTMANN, WONG, 1981).

O declínio da fecundidade e da nupcialidade legal por um lado, e o aumento da longevidade e das separações e divórcios, por outro, acabam por provocar profundas mudanças na formação, manutenção, tamanho e tipo de família, contribuindo para o surgimento de novas configurações de arranjos domésticos (BERQUÔ, OLIVEIRA, CAVENAGHI, 1990, OLIVEIRA, BERQUÔ, 1990).

A queda no número médio de filhos leva, de uma maneira geral, a uma diminuição no tamanho médio da família. O acentuado aumento das separações e divórcios contribui para o crescimento no tipo de família com apenas um dos cônjuges e filhos, ou seja, às famílias monoparentais, o que leva, por sua vez, a uma redução no tamanho da família. O aumento da longevidade permite que as pessoas tenham mais chance de viverem mais tempo como cônjuges, pais e filhos. A mortalidade diferencial por sexo, que prevalece no país há vários anos, dá ao homem maior chance de se encontrar em famílias nucleares. Por outro lado, a maior chance de viuvez feminina contribui para um aumento no tipo de famílias

monoparentais chefiadas por mulheres (CASTRO, 1991).

O recasamento mais favorável ao sexo masculino, determina a maior presença de mulheres separadas ou viúvas, contribuindo também para o crescimento das famílias monoparentais com chefia feminina, ou de arranjos em que elas vivem sozinhas no domicílio, ou em que passam a morar com filhos casados ou com parentes ou com outras pessoas não aparentadas.

Em suma, há um diferencial por gênero e idade nas oportunidades de arranjos familiares e domésticos.

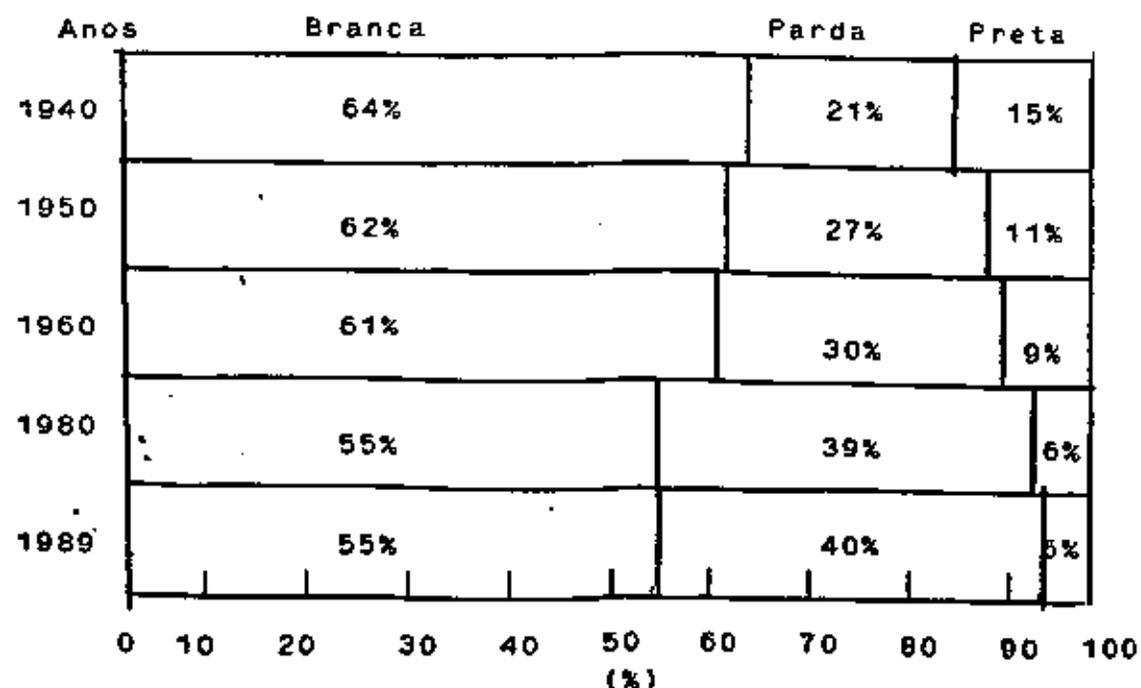
O fato destes três elementos da dinâmica populacional, isto é, fecundidade, nupcialidade e mortalidade apresentarem níveis e tendências diferenciais, por cor, (BERQUÔ, 1988), leva a supor que a raça jogue também um papel importante nas novas configurações de arranjos domésticos no Brasil.

Buscar evidências nesta direção é o propósito destas notas.

**2. Mortalidade, Fecundidade e Nupcialidade  
por Cor<sup>(1)</sup>**

A população negra no Brasil, constituída de pretos e pardos, corresponde hoje a 45% da população total (Gráfico 1). Este segmento se caracteriza pela pobreza (CASTRO, 1991) menores níveis de escolaridade (ROSEMBERG, 1986) e conseqüentemente piores condições de vida.

**GRAFICO 1**  
**BRASIL: 1940/1989**  
**Participação Relativa Segundo a Cor**  
**População Total**



(1) Não discutiremos aqui novamente todos os cuidados e restrições a que está sujeito o quesito por nos Censos e PNAD's brasileiros, dadas as inúmeras contribuições neste sentido (ARABJO, 1988; BERGOO, BERCOVICH, TAMBORO, 1986; WOOD, 1981; HASENBALG, 1985).

A mortalidade infantil de crianças negras, estimada em 1980, em 105 óbitos de menores de um ano para cada 1.000 nascidos vivos é bem superior à taxa de 77, correspondente às crianças brancas (GARCIA TAMBURO, 1987).

A mortalidade adulta também foi sempre superior para pretos e pardos. As mulheres pretas e pardas tinham, no período 1950-55 uma expectativa de vida da ordem de 43.8 anos, contrastada com 52.6 anos para as brancas. No período 1975-80, as pretas e pardas chegaram a atingir 61. e 61.0 anos, respectivamente, enquanto que às brancas estava associada uma vida média ao nascer da ordem de 68.0 anos. Para os homens, os valores partiram de 41.6 anos, para pretos e pardos e atingiram, respectivamente, 58.0 e 57.3 anos, valores estes sempre inferiores aos correspondentes à população branca masculina, ou seja, 49.7 anos no período 1950-55 e 64.1 anos entre 1975 e 1980 (WOOD, 1991). Estimativas feitas para 1980 mostraram que as mulheres sobreviventes aos 25 anos teriam uma chance de 75% de atingirem os 65 anos, se fossem brancas. Esta probabilidade condicional cai para 68% para pardas e se reduz ainda mais para mulheres pretas, ou seja, é de 61%. Em conjunto, pretas e pardas teriam uma chance de 67% (GARCIA TAMBURO, 1990).

Também frente à nupcialidade, há diferenciais por raça. Os pretos se casam<sup>(2)</sup> mais tarde do que os brancos ou pardos. As mulheres entram em primeira união com 22.7, 22.5 e 23.4 anos se forem, respectivamente brancas, pardas ou pretas (BERQUÔ, 1987). Os homens pretos, por sua vez, também apresentam um retardo ao entrarem em primeira união, aos 26.3 anos em média, quando cotejados com brancos (25.7 anos) e pardos (25.4 anos). O que mais chama a atenção, todavia, é o alto celibato das mulheres pretas que corresponde a 13.4% enquanto que apenas 8% das pardas e brancas chegam solteiras aos 50 anos de idade. Em que pese o fato de que o celibato masculino seja inferior ao feminino, também para os homens pretos ele é maior (7.8%) do que para pardos (5.2%) e brancos (5.5%).

A distribuição por estado conjugal (Tabela 1) revela que é mais elevada para mulheres pretas a proporção de solteiras, de separadas e de viúvas, perfazendo, em 1980, um total de 50.8% (BERQUÔ, 1987).

---

(2) Casamento aqui compreende os quatro tipos de união oficialmente levantados nos censos brasileiros, a saber: civil e religiosa, só civil, só religiosa e consensual.

TABELA 1

Distribuição das mulheres por estado conjugal,  
segundo a cor

1980

Estado Conjugal	Branca	Parda	Preta
Casada	57.4	54.1	47.1
Solteira	30.0	32.8	35.8
Separada	3.2	3.8	4.4
Viúva	8.3	7.5	10.6
Sem declaração	1.1	1.8	2.1

Esta situação de uma significativa menor proporção de mulheres pretas unidas se mantém em todos os grupos etários, na faixa da idade reprodutiva da mulher (BERCOVICH, 1987).

Ainda outro elemento importante para se levar em conta, na área da nupcialidade é que na maior parte dos casamentos, o casal tem a mesma cor, ou seja, é elevado o índice de endogamia por cor. Nos casamentos exogâmicos, é mais frequente a situação homem mais escuro do que a mulher, do que vice-versa. Ou seja, o processo de miscigenação pelo qual vem passando a população brasileira está apoiado em certa assimetria por sexo (BERQUÒ, 1987, HASENBALG, VALLE SILVA, BARCELOS, 1989).

No que se refere à fecundidade, entre 1940 e 1960 as mulheres pretas apresentavam sistematicamente menor número médio de filhos do que as brancas e estas, do que as pardas. De fato, enquanto as taxas de fecundidade total para brancas foram de 6.0, 6.1 e 6.2 filhoss por mulher, em 1940, 1950 e 1960, respectivamente, as pretas apresentaram, pela ordem, taxas iguais a 5.3, 5.8 e 5.8, cabendo às pardas os valores 6.3, 6.9 e 6.8 (BERCOVICH, 1987).

Além disso, Bercovich (1987) mostra que foi sempre maior para a mulher preta a proporção que não teve filhos, conquanto sua prolificidade tenha sido sempre elevada. Várias explicações têm sido evocadas para dar sentido a estes achados. De um lado, estariam os fatores ligados à nupcialidade, ou seja, o retardo na idade ao casar e o maior celibato das mulheres pretas. De outro lado, estariam os fatores ligados às condições de saúde, que acredita-se seriam mais precárias para a população preta. A tuberculose, as doenças sexualmente transmissíveis, as sequelas de abortos provocados, poderiam ter levado à esterilidade, temporária ou definitiva, ou a perdas fetais (BERQUÔ, 1988).

Esta situação se reverte em 1980, entre brancas e pretas, com taxas respectivas de 3.6 e 5.1, superadas ainda pelas pardas com 5.6 filhos por mulher.

Como é bastante conhecido, a população brasileira sofreu, a partir dos anos 60, uma redução da ordem de 32% em sua fecundidade, com 7% ocorrendo entre 1960 e 1970 e 28% no período 1970-80. Essa queda se deveu principalmente ao descenso da fecundidade entre mulheres brancas chegando a atingir 44%, enquanto que as pretas experimentaram apenas 16% de declínio, cabendo 23% às perdas. Como resultado, pela primeira vez em um longo período de 40 anos, as pretas acabaram por ter uma fecundidade superior à das brancas. Neste sentido, pode-se pensar em um maior controle das causas determinantes das condições de saúde que levavam direta ou indiretamente a reduzir a fecundidade. De outro lado, a mulher branca deve ter recorrido mais precocemente aos métodos de regulação da fecundidade a partir de meados dos anos 60.

Continuando sua análise da fecundidade, Bercovich (1991) mostra que entre 1980 e 1984 a queda mais intensa se dá para a população parda, ou seja, 22%, reduzindo, assim, a diferença entre pretas e pardas, com fecundidades agora iguais a 4.3 e 4.4, respectivamente. Este declínio levou também a reduzir a diferença entre pardas e brancas que era de 2.0 filhos e passa para 1.4.

A redução de 1.2 filhos em apenas quatro anos ocorrida na população parda pode ser um dos responsáveis, entre outros, para a diminuição no ritmo de crescimento desta população em

1989 (Gráfico 1).

### **3. Os Arranjos Familiares e Domésticos por Cor**

Os aspectos demográficos, diferenciais por cor, revisitados na sessão 2 deste trabalho, tiveram por objetivo preparar um pano de fundo necessário à tentativa de interpretação dos distintos arranjos familiares para cada um dos subgrupos de cor.

Vale não perder de vista que os processos demográficos resultam, de um lado, de alterações nas maneiras e concepções de vida de diferentes camadas da sociedade e, de outro lado, condicionam novas possibilidades e estilos de vida.

Os cortes transversais produzidos pelo Censo de 1980 e pela PNAD-89 revelam, na tabela 2, os diferentes arranjos familiares, conforme a cor do chefe.

Em primeiro lugar, nota-se que para todos os grupos de cor houve um aumento no total de arranjos familiares. Entretanto, foi o grupo dos pardos que aparentou maior crescimento, isto é, 43%, entre 1980 e 1989. Aos brancos

coube 38% de aumento, correspondendo aos pretos o menor de todos, ou seja, 16%.

Passando-se à observação dos diversos arranjos, nota-se, em 1980, a predominância do tipo nuclear com a presença dos dois cônjuges e filhos. Brancos e pardos se assemelham muito, com menor frequência para os pretos.

A presença de parentes, maior responsável pela categoria (parentes e agregados), é mais intensa quando o casal tem filhos, e isto se dá independentemente da cor do chefe.

O que distingue os pretos é a maior proporção de famílias monoparentais, 14.1%, de parentes morando juntos, 4.1%, e de pessoas morando sozinhas, 9.0%, totalizando 27.2%, em 1980 (Gráfico 2). As maiores chances de viuvez, para os pretos explica, em parte, estes dados. Além disso, as famílias monoparentais sendo, em geral, chefiadas por mulheres (OLIVEIRA, BERQUÔ, CAVENAGHI, 1990), o padrão de nupcialidade característico das mulheres pretas, associado aos padrões de mortalidade deste grupo de cor, pode dar conta deste diferencial. Estes mesmos elementos podem também estar na raiz da maior predominância de pessoas morando sozinhas, que são principalmente mulheres (OLIVEIRA, BERQUÔ, CAVENAGUI, 1990).

Passando-se de 1980 a 1989, verifica-se, para os três grupos de cor, um declínio de parentes morando com os casais, principalmente daqueles com filhos.

Por outro lado, cresceram os arranjos de tipo monoparental, liderados pelos pretos, com 17.0% nesta categoria (Gráfico 3). Goldani (1990) já havia salientado o alto percentual, 15.2%, de famílias monoparentais chefiadas por mulheres pretas, de 15 a 54 anos de idade em 1984, quando comparados aos 10,7% para pardas e 8.7% para brancas. Cresce também a proporção de pessoas morando sozinhas, principalmente para pretos, atingindo quase 10.0%. A categoria parentes morando juntos apresenta crescimento muito discreto.

Em síntese, estes arranjos menos convencionais crescem significativamente para os três grupos de cor, com destaque significativo para os pretos (Gráfico 4).

Um outro aspecto que nos preocupou foi o do envelhecimento e a família, ou seja, procurar detectar em que tipos de arranjos familiares ou domésticos se encontram as pessoas de, digamos, 65 anos ou mais, por cor. Afinal a situação familiar das pessoas nesta faixa etária reflete processos ocorridos ou não ocorridos em fases anteriores. Consideramos, separadamente, homens e mulheres por terem estado sujeitos a processos que podem ter marcado suas vidas de forma específica.

A tabela 3 oferece informações a respeito, em dois marcos temporais. Seu exame permite verificar:

1. a presença de mulheres como chefes ou cônjuges (com ou sem filhos) é significativamente menor do que a de homens, e se reduz ainda mais quando se passa das brancas para as pretas;
2. os arranjos monoparentais são significativamente mais frequentes para mulheres do que para homens, com um gradiente que cresce de brancas para pretas e com aumento marcante nos últimos anos;
3. morar com pais ou sogros ou com parentes é mais característico das mulheres, mais frequente para as brancas, seguidas das pardas e das pretas. Este tipo de arranjo vem tendo sua presença reduzida no tempo, representando ainda entretanto, 28.7%, 25.5% e 23.5% para brancas, pardas e pretas, respectivamente, em 1989;
4. o morar sozinho é um fenômeno predominantemente feminino, mais intenso para mulheres pretas e vem crescendo no tempo.

Em síntese, entre 70% a 75% dos homens idosos, encontram-se convivendo com esposas, seja de uma primeira união seja de novos casamentos. Resta, portanto, um pequeno percentual,

entre 25% e 30%, para estar em um outro tipo de arranjo.

Para as mulheres idosas a situação é muito diferente. Apenas 25% das pretas e 35% das brancas e pardas estão em união nesta fase da vida. Viuvez, separações, não-recasamentos e celibato respondem por esta situação que coloca a mulher idosa, e em especial a mulher preta idosa em posição de enorme vulnerabilidade, carecendo de políticas sociais específicas.

TABELA 2

ARRANJOS FAMILIARES, POR COR DO CHEFE, BRASIL 1980 E 1989

Tipos de Arranjos	1980			1989		
	Branca	Parda	Preta	Branca	Parda	Preta
Casal com Filhos	55.5	55.0	48.0	54.6	53.9	46.3
Casal com Filhos e Parentes e Agregados	8.8	10.1	9.1	6.6	7.7	7.7
Casal sem Filhos	11.9	8.9	8.8	12.2	9.0	8.0
Casal sem Filhos e Parentes e Agregados	1.9	2.2	2.1	1.7	1.7	2.0
Monoparental	9.4	11.0	14.1	11.5	14.5	17.0
Monoparental e Parentes e Agregados	2.4	3.0	4.3	2.2	3.3	4.5
Parentes	3.3	3.2	4.1	3.4	3.3	4.5
Pessoa so	6.4	6.1	9.0	7.3	6.2	9.9
Outros	0.4	0.5	0.5	0.4	0.4	0.1
<b>T O T A L</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
<b>TOTAL DE ARRANJOS</b>	<b>14.781.413</b>	<b>9.531.823</b>	<b>1.764.579</b>	<b>21.159.274</b>	<b>13.206.711</b>	<b>2.053.417</b>

FONTE: Censo de 1980 e PNAD-89

TABELA 3

PESSOAS DE 65 ANOS OU MAIS SEGUNDO A SITUAÇÃO FAMILIAR OU DOMICILIAR,  
POR SEXO E COR. BRASIL 1980, 1989

Situação	1980						1989					
	Branca		Parda		Preta		Branca		Parda		Preta	
	Homem	Mulher										
chefe ou Conjuge	75.5	33.0	74.4	30.9	69.6	22.7	73.0	34.5	74.5	35.4	66.8	25.5
chefe sem conjuge (monoparental)	6.9	19.5	7.5	24.9	8.8	30.2	37.1	20.4	8.7	25.9	11.4	32.9
morando como parente (pais, sogros ou outros)	10.3	33.5	8.9	29.7	8.3	28.9	7.9	28.7	7.0	25.5	6.9	23.5
morando como agregado	0.6	0.9	0.9	1.4	1.7	2.9	0.3	0.5	0.6	0.5	0.3	1.9
morando sozinho	6.3	12.9	7.9	12.8	11.3	15.0	7.4	15.5	8.7	12.2	14.2	15.3
outros	0.1	0.2	0.1	0.3	0.2	0.2	0.1	0.4	0.1	0.3	0.1	0.8
<b>TOTAL</b>	<b>100.0</b>											

Fonte: Censo 1980 e PNAD-89.

GRÁFICO 2

ARRANJOS FAMILIARES, POR COR DO CHEFE  
BRASIL 1980

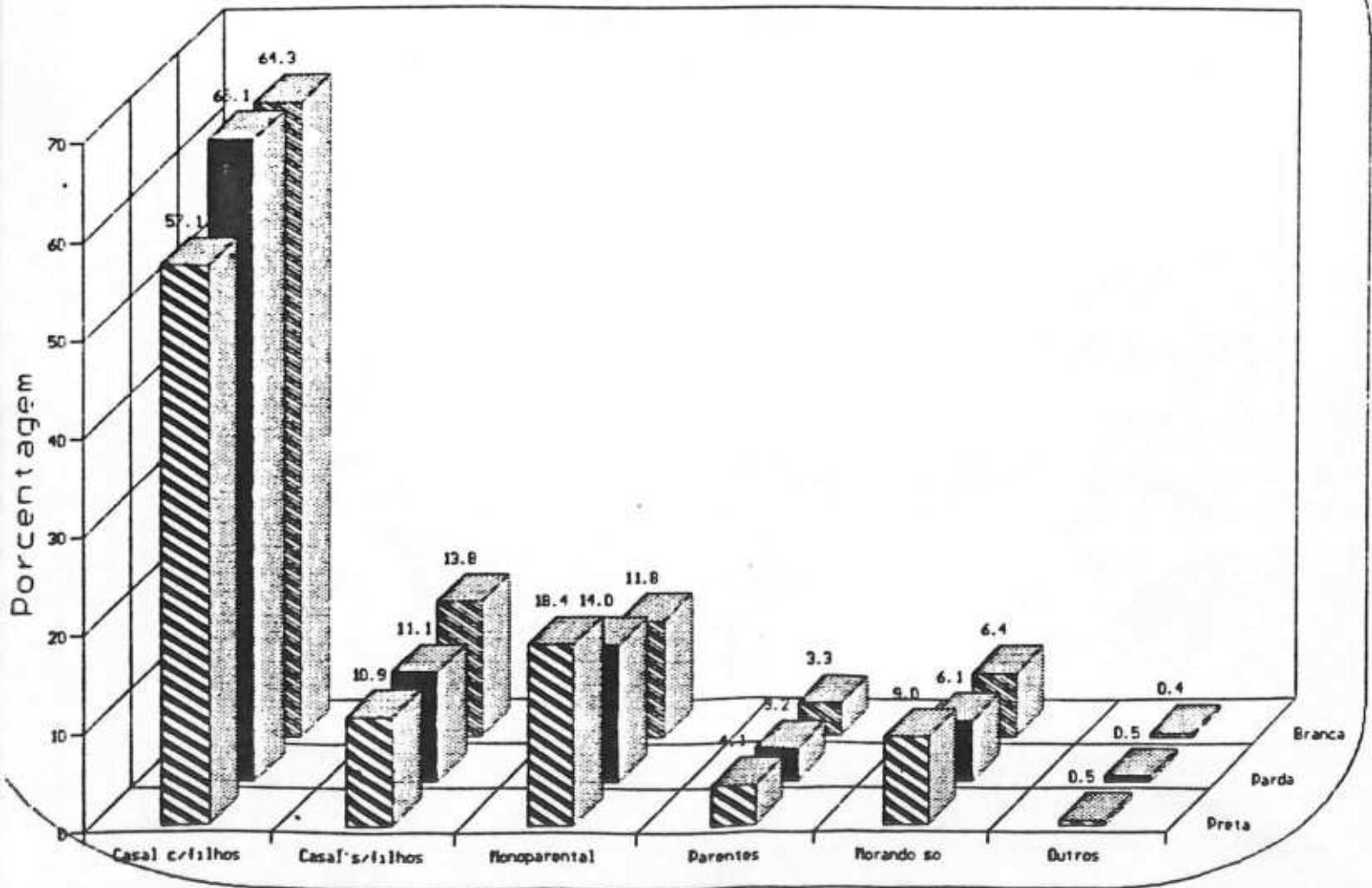


GRÁFICO 3

ARRANJOS FAMILIARES, POR COR DO CHEFE  
BRASIL 1989

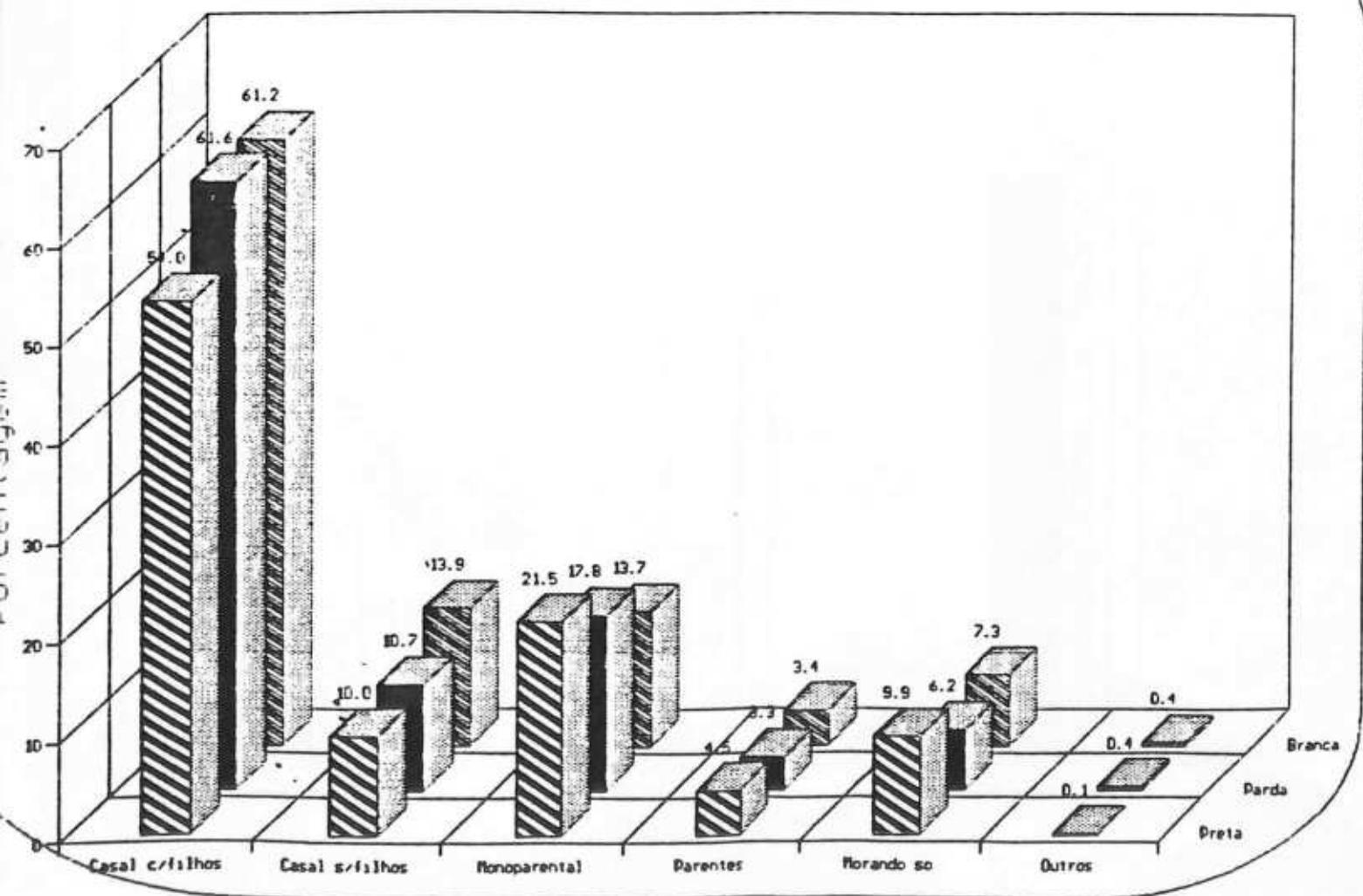
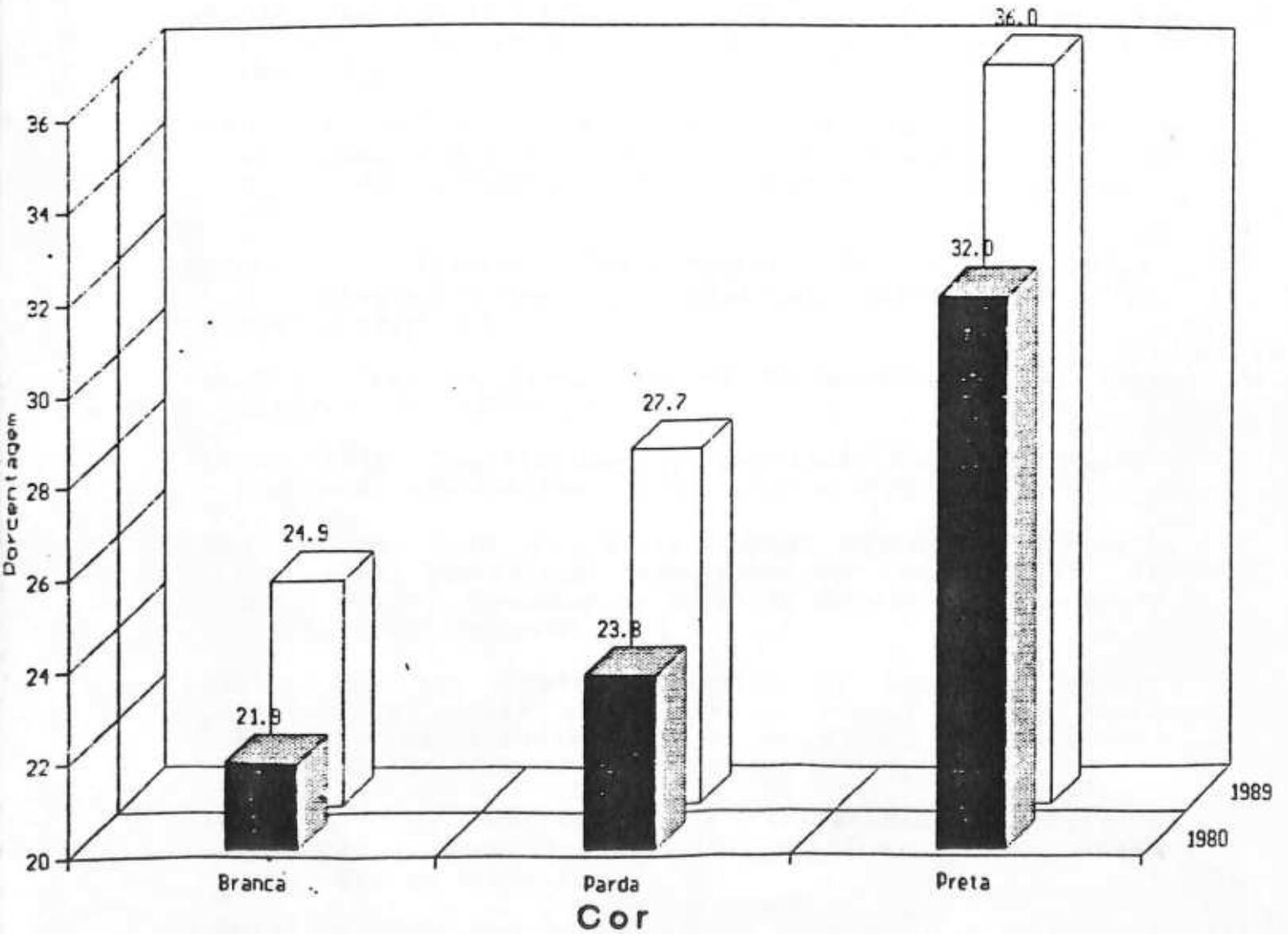


GRÁFICO 4

ARRANJOS DOMÉSTICOS (COM EXCEÇÃO DO TIPO CASAL COM OU SEM FILHOS,  
COM OU SEM PARENTES OU AGREGADOS),  
POR COR DO CHEFE  
BRASIL 1980 E 1989



## BIBLIOGRAFIA

- ALTMANN, Ana Maria Goldani; WONG, Laura Rodrigues. "Padrões e tendências da nupcialidade no Brasil". In: *Anais do II Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, vol.2, ABEP, Aguas de São Pedro, 1980.
- ARAÚJO, Tereza Cristina. "A classificação de "cor" nas Pesquisas do IBGE: Notas para uma discussão". 1988 (mimeo).
- BERCOVICH, Alicia. "Considerações sobre a fecundidade da população negra no Brasil. In: *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CEDEPAR-Face-UFMG. Belo Horizonte, 1991.
- BERCOVICH, Alicia. "Fecundidade da mulher negra: constatações e questões". Campinas, NEPO/UNICAMP, 1987. *Textos NEPO, 11*.
- BERQUÓ, Elza. "A demografia da desigualdade". In: *Novos Estudos, 21*. CEBRAP, 1988.
- BERQUÓ, Elza. "Nupcialidade da população Negra no Brasil". Campinas, NEPO/UNICAMP, 1987. *Textos NEPO, 11*.
- ✓ BERQUÓ, Elza; OLIVEIRA, Maria Coleta; CAVENAGHI, Suzana M. "Arranjos familiares "não-canônicos" no Brasil". In: *Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, vol.1, ABEP, Caxambu, 1990.
- ✓ CASTRO, Mary G. "Mulheres chefes de família, racismo, códigos de idade e pobreza no Brasil (Bahia e São Paulo)". *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CEDEPLAR-Face-UFMG-Belo Horizonte, 1991.
- GARCIA TAMBURO, Estela Maria. "Mortalidade infantil da população negra brasileira". Campinas, NEPO/UNICAMP, 1987. *Textos NEPO, 11*.
- GARCIA TAMBURO, Estela Maria. "O quadro da discriminação racial da mortalidade adulta feminina no Brasil". *Anais do VIII Encontro Nacional de ABEP*. Caxambu, 1990.
- GOLDANI, Ana Maria. "Desigualdade racial nas trajetórias de vida familiar das mulheres brasileiras". In: *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CECEPLAR-Face-UFMG. Belo Horizonte, 1991.
- HASENBALG, Carlos A. "Race and socioeconomic inequalities in Brazil". In: FONTAINE, Pierre-Michelle (ed.) *Race, class*

*and power in Brazil. Los Angeles: UCLA Center for Afro-American Studies, 1985, cap.3.*

HASENBALG, Carlos A; VALE SILVA, Nelson do; BARCELOS, Luiz Cláudio. "Notas sobre miscigenação racial no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v.16, 1989.

OLIVEIRA, Luis Antonio P. de; LOUREIRO, Nadja P. "Tendências da fecundidade nos primeiros anos da década de 80". *Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, vol.1, ABEP. Aguas de São Pedro, 1986.

OLIVEIRA, Maria Coleta; BERQUÔ, Elza. "A família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes". In: *Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS, 1990.

ROSEMBERG, Fulvia *et alli*. "Diagnósticos sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo". São Paulo: FCC/Secretaria da Educação/Conselho da Comunidade Negra. 1986.

WOOD, Charles H. "Categorias censitárias e classificações subjetivos da raça no Brasil". In: *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CEDEPLAR-Face-UFMG. Belo Horizonte, 1991.